

## Tragédia e antitragédia na *Apologia de Sócrates*: uma análise retórica

### *Tragedy and anti-tragedy in the Apology of Socrates: a rhetorical analysis*

#### Resumo

*Um dos assuntos mais caros a qualquer intérprete da Apologia de Sócrates de Platão é o problema da relação entre Sócrates e a arte retórica, que a personagem ao mesmo tempo emprega e censura. Quase todas as estratégias discursivas contidas na fala de Sócrates podem ser analisadas sob essa perspectiva. Neste artigo, dedico-me ao exame de uma dessas estratégias, que desempenha importante papel dentro da construção do discurso socrático: trata-se do exemplo de Aquiles que, no trecho da Iliada citado na obra, vai deliberadamente ao encontro da morte para vingar Pátroclo. Comparando a sua própria situação à do herói e tomando como foco a pena de morte proposta por seus acusadores, o filósofo reflete acerca do risco a que se expõe naquela ocasião; justificando-se, ele relembra a situação do herói épico que preferiu evitar a desonra a evitar a morte. A partir de uma análise detalhada do trecho em questão, bem como de uma confrontação com o texto homérico ali citado, pretendo extrair as consequências que esse exemplo pode ter para a leitura do diálogo como um todo.*

**Palavras-chave:** Apologia; Retórica; Homero; Épica; Tragédia e Antitragédia.

#### Abstract

*One of the dearest subjects to any interpreter of Plato's Apology of Socrates is the issue of the relationship between Socrates and rhetorical art, which the character both employs and censors. Nearly all the discursive strategies contained in Socrates' speech can be analyzed from this perspective. In this article, I examine one of those strategies, which plays an important role in the construction of the Socratic discourse: the example of Achilles, who, in the Iliad section quoted in the work,*

---

\* Professora do Departamento de Filosofia da PUC-Rio. E-mail: [luisabuarquedeholanda@gmail.com](mailto:luisabuarquedeholanda@gmail.com)

*deliberately goes towards death to avenge Patroclus. Comparing his own situation to that of the hero and focusing on the death penalty proposed by his accusers, the philosopher reflects on the risk to which he is exposed at that time; justifying himself, he recalls the situation of the epic hero who preferred avoiding dishonor to avoiding death. From a detailed analysis of the passage in question, as well as a confrontation with the Homeric text there cited, I intend to draw the consequences that this example can have for the reading of the dialogue as a whole*

**Keywords:** Apology; Rhetoric; Homer; Epic; Tragedy and anti-tragedy.

Um dos assuntos mais caros a qualquer intérprete da *Apologia de Sócrates*, de Platão, é o problema da relação entre Sócrates e a arte retórica, que a personagem emprega deliberadamente e ao mesmo tempo censura abertamente. Quase todas as estratégias discursivas, os exemplos, as aporias e os paradoxos contidos na fala de Sócrates podem ser analisados sob essa perspectiva. Neste artigo, pretendo examinar um exemplo mítico que desempenha um importante papel dentro da construção do discurso socrático, mantendo como horizonte conceitual e pano de fundo de minha análise precisamente o tema da retórica no referido diálogo de Platão.

O exemplo em questão é o do herói Aquiles<sup>1</sup>, mencionado em um trecho célebre da *Apologia*, no qual Sócrates responde com uma citação da *Iliada* a uma das várias perguntas fictícias que ele próprio imagina algum interlocutor dentre os cidadãos de Atenas podendo lhe endereçar. A pergunta é a seguinte: “Mas você não sente vergonha, Sócrates, de ter se dedicado a uma tal ocupação, pela qual agora corre o risco de morrer?”<sup>2</sup> Que ocupação é essa, não está em questão no momento. A pergunta volta-se, antes, para a ameaça;

---

1 Este artigo faz parte de um estudo mais amplo sobre o tema da retórica. Ele possui algumas páginas em comum com outro artigo de minha autoria, intitulado ‘Notas sobre o exemplo de Aquiles na *Apologia* (28c) e na *República* (386c-d e 516d)’, e publicado no volume XI, nº 21 (2017) do periódico *Anais de Filosofia Clássica*. Apesar disso, os dois artigos diferem bastante, na medida em que o presente texto debruça-se apenas sobre a *Apologia de Sócrates*, extraindo do exemplo mítico analisado consequências mais gerais, que concernem à interpretação desse diálogo como um todo. Ademais, ele analisa cuidadosamente as variantes desse mesmo exemplo mítico e faz comparações detalhadas com o texto homérico, procedimento ausente do artigo anterior.

2 Platão, *Apologia de Sócrates*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008, 28b3. Todas as traduções da *Apologia* de Sócrates citadas são de André Malta. Εἶτ’ οὐκ αἰσχύνῃ, ὃ Σώκρατες, τοιοῦτον ἐπιτήδευμα ἐπιτηδεύσας ἐξ οὗ κινδυνεύεις νυνὶ ἀποθανεῖν;

ele está refletindo sobre o fato de estar exposto ao risco de morrer agora, em decorrência de algo que fizera antes. Acaso não teria sido melhor furtar-se de tais atividades, sejam elas quais forem? E por causa do foco na pena de morte proposta pelos acusadores, convém citar em sua resposta o herói épico que descuidou do risco de morrer por ter cuidado do risco de desonra, a saber: Aquiles, no preciso momento em que despreza a previsão de sua mãe Tétis e vai ao encontro da morte para vingar Pátroclo. Vejamos a resposta de Sócrates à sua própria pergunta:

*E a ele eu contraporá justo discurso: ‘Você não fala belamente, homem, se pensa que precisa calcular o risco de viver ou morrer o varão que é de alguma serventia (mesmo que pequena), e que não examina, antes, apenas isto – se, quando age, age justa ou injustamente, e se os feitos são de bom ou vil varão! Pois banais seriam, ao menos pelo seu discurso, quantos semideuses em Troia morreram – especialmente o filho de Tétis, o qual, frente a ter de suportar algo vergonhoso, desprezou a tal ponto o risco que, no momento em que a mãe disse a ele, ansioso por matar Heitor, sendo ela uma deusa, mais ou menos assim (penso eu), ‘Filho, se você vingar o assassinato do companheiro Pátroclo e matar Heitor, você mesmo vai morrer, ‘que logo para ti está (diz), depois de Heitor, pronto o fado’ [Íliada, XVIII, 96]; ele, ouvindo isto, fez pouco caso da morte e do risco e, temendo bem mais viver como vil, sem vingar os amigos, ‘que eu logo morra (diz), justificando quem agiu mal, para que eu não fique aqui sendo motivo de chacota, junto às naus curvadas, fardo da terra’. [Idem, 98, 104, 115, aproximadamente]. Não me diga que você pensa que se preocupou com a morte e o risco.<sup>3</sup>*

Como se pode notar, a resposta socrática gira em torno da única genuína preocupação de um homem de mérito, a saber, se o que faz é justo ou injusto. A citação da cena homérica vem contribuir para a sua reivindicação na

---

3 Idem, 28b5-d5. ἐγὼ δὲ τούτῳ ἂν δίκαιον λόγον ἀντείποιμι, ὅτι “Ὀὐ καλῶς λέγεις, ὃ ἄνθρωπε, εἰ οἶεἰ δεῖν κινδύνον ὑπολογίζεσθαι τοῦ ζῆν ἢ τεθνάναι ἄνδρα ὅτου τι καὶ σμικρὸν ὄφελός ἐστιν, ἀλλ’ οὐκ ἐκεῖνο μόνον σκοπεῖν ὅταν πράττη, πότερον δίκαια ἢ ἄδικα πράττει, καὶ ἀνδρὸς ἀγαθοῦ ἔργα ἢ κακοῦ. φαῦλοι γὰρ ἂν τῷ γε σῶ λόγῳ εἶεν τῶν ἡμῶν ὅσοι ἐν Τροίᾳ τετελευτήκασι οἱ τε ἄλλοι καὶ ὁ τῆς Θέτιδος υἱός, ὃς τοσοῦτον τοῦ κινδύνου κατεφρόνησεν παρὰ τὸ αἰσχρὸν τι ὑπομείναι ὥστε, ἐπειδὴ εἶπεν ἡ μήτηρ αὐτῷ προθυμουμένῳ Ἐκτορα ἀποκτείνειν, θεὸς οὕσα, οὕτωσί πως, ὡς ἐγὼ οἶμαι: Ὡ παῖ, εἰ τιμωρήσεις Πατρόκλῳ τῷ ἑταίρῳ τὸν φόνον καὶ Ἐκτορα ἀποκτενεῖς, αὐτὸς ἀποθανῆ – αὐτίκα γάρ τοι, φησί, ‘μεθ’ Ἐκτορα πότμος ἐτοῖμος’ – ὁ δὲ τοῦτο ἀκούσας τοῦ μὲν θανάτου καὶ τοῦ κινδύνου ὀλιγόρησε, πολὺ δὲ μᾶλλον δείσας τὸ ζῆν κακὸς ὢν καὶ τοῖς φίλοις μὴ τιμωρεῖν, Ἀυτίκα, φησί, ‘τεθναίην, δίκην ἐπιθεῖς τῷ ἀδικούντι, ἵνα μὴ ἐνθάδε μένω καταγέλαστος παρὰ νηυσὶ κορωνίσιν ἄχθος ἄρουρης.’ μὴ αὐτὸν οἶε φροντίσαι θανάτου καὶ κινδύνου;

medida em que Aquiles demonstrara ali desprezo pelo perigo de morte. Se formos comparar a citação socrática com o texto da *Iliada* que temos fixado, porém, algumas diferenças chamam atenção. Segundo a tradução de Carlos Alberto Nunes, temos:

*Tétis, então, a chorar, lhe responde as seguintes palavras: ‘Curta existência terás, caro filho, se assim resolveste, Pois logo após o trespasso de Heitor, quer o fado que morras’. Disse-lhe Aquiles, de rápidos pés, a gemer fundamentalmente: ‘Que seja logo, uma vez que não pude servir para nada ao companheiro querido; morreu mui distante da pátria, sem ter-me ao lado no instante em que mais precisava de amparo. Ora que à pátria querida não devo voltar, nem a Pátroclo apareci como a luz salvadora, nem mesmo aos fiéis sócios que às mãos do filho de Príamo, Heitor, a existência perderam, mas junto às naves fiquei, peso inútil de terra, (...) Quanto ao meu fim, estou pronto a acolher o momento funesto, logo que Zeus mo quiser e as demais divindades eternas.’<sup>4</sup>*

O aviso de Tétis de fato se dá mais ou menos do modo como Sócrates o resume. Já a resposta de Aquiles soa ligeiramente distinta, pois o que o herói parece fazer aqui, acima de tudo, é um lamento. Ele lastima, no passado, não ter podido ser útil aos seus, especialmente a Pátroclo. Ele não afirma que no futuro, caso não tenha vingado Pátroclo, ter-se-á tornado uma inútil carga de terra; afirma, ao contrário, que já o é, por não ter sido capaz de evitar a morte de seu amado. Regressar para a guerra e ser capaz de vingá-lo será, portanto, uma espécie de retratação e uma recuperação de seu valor. Nesse sentido, temos de fato um ponto próximo ao que Sócrates indica. Esse ponto aparece, sobretudo, nos dois

4 Homero, *Iliada*. São Paulo: Ediouro, 1989. Canto XVIII, 96-104/115-116. Todas as traduções da *Iliada* citadas são de Carlos Alberto Nunes.

Τὸν δ' αὐτὲ προσέειπε Θέτις κατὰ δάκρυ χέουσα:  
ὠκύμορος δὴ μοι τέκος ἔσσεια, οἷ' ἀγορευεῖς  
αὐτίκα γάρ τοι ἐπειτα μεθ' Ἑκτορα πότμος ἐτοῖμος.  
Τὴν δὲ μέγ' ὀχθήσας προσέφη πόδας ὠκὺς Ἀχιλλεύς:  
αὐτίκα τεθναίην, ἐπεὶ οὐκ ἄρ' ἐμελλον ἐταίρω  
κταινομένῳ ἐπαμῦνα· ὃ μὲν μάλα τηλόθι πάτρης  
ἔφθιτ', ἐμεῖο δὲ δῆσεν ἀρής ἄλκτῆρα γενέσθαι.  
νῦν δ' ἐπεὶ οὐ νέομαι γε φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν,  
οὐδέ τι Πατρόκλω γενόμην φάος οὐδ' ἐτάροισι  
> τοῖς ἄλλοις, οἱ δὴ πολέες δάμεν Ἑκτορι δίω,  
ἄλλ' ἤμει παρὰ νηυσὶν ἐτώσιον ἄχθος ἀρούρης, (...)  
κῆρα δ' ἐγὼ τότε δέξομαι ὀππότε κεν δῆ  
Ζεὺς ἐθέλη τελέσαι ἧδ' ἀθάνατοι θεοὶ ἄλλοι.

últimos versos citados, que Sócrates, porém, não chega a mencionar. São eles que coloreem esta cena com o espírito da coragem guerreira e do desprezo e apequenamento da morte que Sócrates deseja evocar. Até aí, portanto, talvez não tenhamos distinções tão notáveis assim, mas apenas uma pequena diferença entre o tom de lamento de Aquiles na *Iliada* e o tom audacioso que Sócrates lhe empresta na *Apologia*. Lembremos, aliás, que o próximo ponto lembrado na fala de Sócrates, logo após a menção a Aquiles, será a sua participação nas batalhas atenienses de Potideia (432-29), de Délio (424) e de Anfípolis (422)<sup>5</sup>; a estratégia da citação da *Iliada* consiste, portanto, em insinuar que também a coragem da guerra não é estranha ao filósofo, pois advém de um desprezo pela morte semelhante àquele que aqui ele remete a Aquiles e a outros grandes heróis.

Todavia, se regressarmos para os primeiros versos do Canto XVIII, aqueles que antecedem diretamente e preparam a fala em questão, veremos que não se trata neste momento de destacar o tema da coragem guerreira ao qual Sócrates quer aludir. Trata-se, antes, do tema do desespero da perda. Com efeito, encontramos no início da cena as seguintes descrições:

*Nuvem de dor envolveu a alma nobre do grande Pelida, que, tendo a terra anegrada tomado nas mãos, a derrama pela cabeça, desta arte as graciosas feições afeando. De cinza escuro manchado também fica o manto nectáreo. Logo na poeira se estende, ocupando grande área no solo, e os ondulados cabelos com ambas as mãos arrepele. Vendo-o, as escravas que Aquiles e Pátroclo haviam preso, mestas, em altos lamentos prorrompem e, a tenda deixando, vieram cercar o prudente Pelida. A punhaladas, os seios todas contudem, sentindo que a força dos joelhos lhes falta. Chora, também, o Nestórida ilustre, apertando entre as suas as mãos de Aquiles, que fundos lamentos no peito agitava, visto recear que ele o tenro pescoço com o ferro cortasse. Solta gemidos terríveis; ouviu-os a mãe veneranda das profundezas do mar, onde ao lado do pai se encontrava.*<sup>6</sup>

5 É digno de nota o caráter militar decorrente dessa analogia com Aquiles: mesmo diante do perigo representado pelo processo, é preciso renunciar a toda e qualquer incoerência, pois, neste caso, manter a coerência é não julgar saber o que não se sabe e seguir agindo de acordo com isso. De certo modo, essa postura é equiparada à do guerreiro que mantém o posto no momento da batalha, mesmo correndo risco de vida diante das armas do inimigo. Ou seja, Sócrates de algum modo reivindica tanto seu valor como soldado ateniense, citando sua reconhecida participação nas três batalhas (28e), quanto sua coragem enquanto filósofo.

6 Homero, *Op. Cit.*, XVIII, 22-36.  
 Ὠς φάτο, τὸν δ' ἄχεος νεφέλη ἐκάλυψε μέλαινα·  
 ἀμφοτέρησι δὲ χερσὶν ἑλὼν κόνιν αἰθαλόεσσαν

Seguem-se gritos da mãe, a gruta se enche de Ninfas que “golpeiam os seios cândidos” (στήθια πεπλήγοντο), e até o ponto em que nos encontramos o texto está permeado de gemidos fundos (βαρὺ στενάχοντι), lamentações, gritos (ἴαχον), choro (δάκρυα), dor (γόοιο), terror e desespero (κώκυσέν). Como diz West,

*quando Sócrates reconta a história, ele de algum modo muda o original homérico. Homero enfatiza a dor de Aquiles e o desespero pela morte de Pátroclo, de quem Aquiles diz, ‘Eu [o] valorizo mais que a todos os meus companheiros, tanto quanto minha própria cabeça’. Ele deseja uma vingança sem fronteiras contra Heitor e os outros troianos em nome de seu amigo perdido. Sócrates transforma a paixão de Aquiles, da furiosa sede de vingança para uma estudada preocupação com a justiça.<sup>7</sup>*

Por mais que não possamos ter certeza alguma a respeito das frequentes mudanças platônicas no texto homérico (qual é o seu grau de relação com o texto que temos hoje, se são propositais ou se elas se devem à imprecisa citação de memória etc.), parece-me ainda assim que tais mudanças são quase sempre eloquentes. Neste caso em particular, chama atenção a alteração de um painel de desconsolo, dor profunda e desespero para um painel de orgulhosa heroicidade. Sócrates parece trazer para essa cena da *Iliada* o tema épico da

---

χεύατο κάκ κεφαλῆς, χαρίεν δ' ἦσχυνε πρόσωπον·  
νεκταρέω δὲ χιτῶνι μέλαιν' ἀμφίζανε τέφρη.  
αὐτὸς δ' ἐν κονίησι μέγας μεγαλωστί τανυσθεὶς  
κεῖτο, φίλησι δὲ χερσὶ κόμην ἦσχυνε δαΐζων.  
δμοφαὶ δ' ὡς Ἀχιλεὺς ληϊσσοτο Πάτροκλός τε  
θυμὸν ἀκχήμεναι μεγάλ' ἴαχον, ἐκ δὲ θύραζε  
ἔδραμον ἄμφ' Ἀχιλῆα δαΐφρονα, χερσὶ δὲ πᾶσαι  
στήθια πεπλήγοντο, λύθην δ' ὑπὸ γυῖα ἐκάστης.  
Ἀντίλοχος δ' ἐτέρωθεν ὀδύρετο δάκρυα λείβων  
χεῖρας ἔχων Ἀχιλῆος· ὃ δ' ἔστυνε κυδάλμιον κῆρ·  
δεΐδιε γάρ μὴ λαμὸν ἀπαμήσειε σιδήρω.  
σμερδαλέον δ' ὤμωξεν· ἄκουσε δὲ πότνια μήτηρ  
ἡμένη ἐν βένθεσσιν ἄλός παρὰ πατρὶ γέροντι,  
κώκυσέν τ' ἄρ' ἔπειτα:

7 West, *Plato's Apology of Socrates: an interpretation, with a new translation*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1979. p. 155: “When Socrates retells the story, he changes somewhat the Homeric original. Homer stresses Achilles' sorrow and despair over the death of Patroclus, of whom Achilles says, ‘I value [him] above all my companions, the same as my own head.’ He desires to wreak a boundless vengeance on Hector and the other Trojans for the sake of his lost friend. Socrates transforms Achilles' passion from the raging anger of revenge into a studied concern for justice”.

bela morte, que ele em certa medida compartilhará com Aquiles, ignorando todos os aspectos da cena que são propícios à tragédia. O que eu quero dizer com isso é que ambos, tanto Sócrates quanto Aquiles, encontram-se em circunstâncias em certo sentido épicas, mas também potencialmente trágicas<sup>8</sup>. Por não possuírem alternativa alguma, a não ser a de ir ao encontro da morte, suas situações são dotadas de todos os elementos necessários para um tratamento trágico. Ou, para ser mais precisa: em princípio lhes é fornecida uma alternativa (a Aquiles, não vingar Pátroclo; a Sócrates, convencer os juizes da sua inocência ou suplicar por sua absolvição), porém essa alternativa é apenas a opção de não se tornarem quem são, ou ainda, uma não-opção. Ou seja: essa alternativa é em ambos os casos um recurso literário confirmando que a morte está necessariamente vinculada às ações que mais propriamente caracterizam as duas personagens. O fato de serem retratadas como escolhas reforça literariamente a coragem exigida por ambas as atitudes. Um exemplo da coragem guerreira de Aquiles no contexto da *Apologia* serviria, portanto, para melhor iluminar a coragem filosófica de Sócrates.

Ademais, todo esse panorama precisaria ser emoldurado pelo fato dramático de que, na vida real, qualquer que tenha sido a estratégia socrática, aparentemente ela falhou. Ao menos se for examinada do ponto de vista dos objetivos comuns da retórica forense, isto é, ao menos se se considera uma falha a incapacidade de se fazer inocentar pela maioria dos 501 juizes. O que me interessa em relação a essa questão é o fato de que Platão, em sua composição, administra de forma magistral essa suposta falha que pôde ser transformada em êxito<sup>9</sup>. Ou melhor, Platão parece ser uma das peças-chave na leitura exitosa dessa possível falha, porque consegue guardar, ou quem sabe forjar, a memória de um Sócrates que não se curva perante a morte; que chega a dar de ombros e a rir dela, mas que, por outro lado, vê enorme gravidade no perigo de ser injusto. Pensemos, por exemplo, nas seguintes afirmações de Sócrates, já perto do final do texto:

---

8 Agradeço a Paulo Martins por ter me chamado atenção para o aspecto épico da situação socrática e para o tema da bela morte. Quanto a este último, ver Vernant, J-P. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Revista Discurso*, n. 9, p. 31-62, 1979. E também Ribeiro, A. M. As belas mortes de Sócrates e o encantamento da celebração dos mortos em Atenas. *Educação e Filosofia*, v. 24, n. 47, p. 34-54, jan./jun., 2010. Quanto à potência trágica contida nas situações épicas em geral e nessa situação de Aquiles em particular, remeto às lamentações, ao choro de Tétis, em suma: a tudo o que acompanha a certeza da morte de Aquiles na *Ilíada*.

9 Não apenas Platão: a tradição antiga em geral parece ter interpretado a defesa socrática, incluindo sua 'falha', como uma escolha deliberada, inclusive Xenofonte em sua própria *Apologia*.

*Vocês talvez pensem, varões, que fui condenado por estar em aporia quanto àqueles tipos de discursos com que poderia tê-los convencido, depois de pensar que precisava fazer e dizer tudo para escapar da punição. Mas falta muito mesmo! Fui condenado por estar em aporia não quanto aos discursos, mas quanto ao atrevimento, à falta de vergonha, à vontade de lhes falar aquelas palavras que para vocês teriam sido mais agradáveis de ouvir – eu gemendo, me lamentando, fazendo e dizendo muitas outras coisas indignas de mim (como eu dizia), do tipo que vocês estão habituados a ouvir dos outros...<sup>10</sup>*

E ainda: “Mas talvez isso não seja difícil, varões: escapar da morte. Mas da baixaza sim, muito mais difícil!”<sup>11</sup> Sócrates se reafirma como Sócrates na *Apolo* porque Platão o delineia como um Aquiles que pode até ter falhado em retornar vivo de Troia, mas que sem dúvida teve sucesso não somente em vingar Pátroclo, mas, sobretudo, em desprezar e apequenar a morte por meio dessa vingança. Às custas, entretanto, de retirar da fala de Aquiles todos os seus gemidos e prantos.

A operação socrática, portanto, consiste em comparar o seu caso com o de Aquiles, iluminando, nas ações do herói, apenas aquilo que pode ser lido como uma escolha de valorizar a tarefa que lhe é devida em detrimento do perigo da morte. Consequentemente, de acordo com a nova perspectiva que Sócrates lança sobre o texto homérico, não há propriamente falhas - nem em seu próprio caso falha em convencer os juízes, nem no caso do herói falha em evitar a morte do amigo e, em seguida, a sua própria - mas sim escolhas guiadas pela coragem da justiça, que não combina em nada com o medo da

10 Platão, *Op. Cit.*, 38d3-e2. ἴσως με οἴεσθε, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἀπορία λόγων ἐαλωκέναι τοιούτων οἷς ἂν ὑμᾶς ἔπεισα, εἰ ᾗμην δεῖν ἅπαντα ποιεῖν καὶ λέγειν ὥστε ἀποφυγεῖν τὴν δίκην. πολλοῦ γε δεῖ. ἀλλ’ ἀπορία μὲν ἐάλωκα, οὐ μέντοι λόγων, ἀλλὰ τόλμης καὶ ἀναισχυντίας καὶ τοῦ μὴ ἐθέλειν λέγειν πρὸς ὑμᾶς τοιαῦτα οἷ’ ἂν ὑμῖν μὲν ἥδιστα ἦν ἀκούειν – θρηνοῦντός τέ μου καὶ ὄδυρομένου καὶ ἄλλα ποιοῦντος καὶ λέγοντος πολλὰ καὶ ἀνάξια ἐμοῦ, ὡς ἐγὼ φημι, οἷα δὴ καὶ εἴθισθε ὑμεῖς τῶν ἄλλων ἀκούειν.

11 Idem, 39b1. ἀλλὰ μὴ οὐ τοῦτ’ ἢ χαλεπόν, ὦ ἄνδρες, θάνατον ἐκφυγεῖν, ἀλλὰ πολὺ χαλεπότερον πονηρίαν.

Interessante comparar essa afirmação com toda a conversa de Sócrates com Cálicles em *Górgias*. Em especial, 511b-c e, sobretudo, 512 e: “Pois o verdadeiro homem não deve se preocupar em viver o quanto tempo for nem se apegar à vida, mas, confiando essas coisas ao deus e acreditando nas mulheres quando dizem que ninguém escaparia ao seu destino, ele deve se voltar à seguinte investigação: de que modo alguém que vive por certo tempo viveria da melhor maneira possível?” Também 522e: “Pois ninguém que não seja absolutamente irracional e covarde teme a morte em si; teme, porém, ser injusto, pois o cúmulo de todos os males é a alma chegar ao Hades plena de inúmeros atos injustos.” Platão. *Górgias*. São Paulo: Perspectiva, 2015. Tradução de Daniel Lopes.



condenação e da morte. Segundo a retomada socrática da *Iliada*, Aquiles é referência para Sócrates porque sua coragem guerreira o impulsiona a temer a coisa certa e faz dele o que ele é.

Vista pelo viés oposto, entretanto, o novo tratamento dado por Sócrates à cena nos mostra que a coragem do guerreiro e a do filósofo se distanciam<sup>12</sup>, e essa distância tem início precisamente no tratamento literário das cenas potencialmente trágicas, ou seja, ela se aloja nas diferenças estilísticas entre os dois textos. Em outras palavras: do ponto de vista de um Platão autor, se é preciso desprezar a morte, é preciso decerto corresponder literariamente a esse desprezo, evitando que a potência trágica da cena se atualize, coisa que Homero, evidentemente, não faz. Claro que não faz sentido dizer que Homero fez da cena de Aquiles algo que sequer existia – um drama trágico. O que faz sentido, considerando que a poesia épica é mãe da trágica, é afirmar que os elementos trágicos estão contidos nos poemas homéricos e se explicitam em momentos tais como o descrito acima. Aquiles na *Iliada* decerto não é um herói trágico, por definição; porém, suas atitudes estão longe de ser antitrágicas. Como vimos, ele grita, chora, bate no peito, se suja de terra, rola pelo chão, arranca os cabelos, a ponto de seu amigo temer que o herói se suicide. Essa postura, entretanto, está demasiado próxima da postura dos suplicantes nos tribunais que, por desespero, são capazes de tudo para evitar a condenação e recorrem muito especialmente ao sentimento de piedade que eventualmente se apodera dos juízes. Por conseguinte, todo o tema da recusa da súplica que Sócrates tantas vezes aborda na *Apologia* pode ser lido à luz dessa observação<sup>13</sup>. E parece ser também essa recusa que dá um certo tom de

---

12 É possível encontrar no *Fédon* uma passagem que corrobora essas afirmações: “- Aliás, basta que tenhas a bondade de refletir um momento apenas sobre a coragem e a temperança do resto dos homens, para que percebas toda a sua estranheza. – Que queres dizer, Sócrates? – Não ignoras que a morte é considerada por todo o resto dos homens como pertencendo ao número dos grandes males. – Ah! Bem o sei. – O temor de males maiores não leva, por acaso, os que dentre eles têm mais coragem a enfrentarem a morte, quando se apresenta a ocasião de enfrentá-la? – Como não! – Assim, pois, é por serem medrosos e por temerem que são corajosos todos os homens, com exceção dos filósofos. E, contudo, é absurdo pensar que o temor e a covardia deem coragem.” Platão, *Fédon*, 68d-e. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa.

13 Um exemplo de desprezo pelos que suplicam: “Eu mesmo várias vezes vi uns assim, que, apesar de parecerem ser alguma coisa, quando julgados agem de modo espantoso, como se pensassem que haveriam de sofrer algo terrível no caso de morrerem – como se houvessem de ser imortais, caso vocês não o matassem... Eles me parecem cobrir a cidade de vergonha, a ponto de qualquer estrangeiro poder supor que aqueles que aqui diferem em virtude – os que os atenienses, em detrimento de si mesmos, escolhem para os postos e demais honrarias –, que esses em nada diferem das mulheres... Isso então, varões atenienses, nós (os que parecemos ser alguma coisa,

antitragédia forense ao texto platônico, delineando as escolhas literárias do autor ao tratar uma ocasião que representa um risco de morte de maneira deliberadamente deflacionária: menos grave, menos solene e menos trágica do que a tradição – inclusive a épica, se me for permitida uma metonímia anacrônica – costuma fazer. Sócrates, assim como os heróis épicos e trágicos, está à mercê de forças que não pode controlar, está sujeito às vicissitudes da vida e, sobretudo, à injustiça alheia. Todavia, ao contrário dos heróis, mantém-se invulnerável em sua verdadeira autonomia, precisamente porque observa a justiça ao agir.

Considerações tais como essa são muito conhecidas, sobretudo, por causa dos trabalhos de Martha Nussbaum<sup>14</sup>. Considero-as pertinentes no que diz respeito a uma interpretação mais ampla da *Apologia*, que é - se precisarmos resumi-la em pouquíssimas palavras - a narração da história de uma vítima da injustiça da *polis*. O discurso que Platão elabora e põe na boca de Sócrates tem o intuito de ressaltar precisamente a invulnerabilidade do homem que cuida da própria alma e que promove esse cuidado em sua *polis*. Ele pode até ser atingido pela injustiça praticada por outrem, mas jamais será forçado por outrem a agir injustamente – pelo menos caso não tema a morte. Como ele mesmo diz, já quase ao concluir seu discurso, em tom que agora sim parece solene e extremo: “para o homem bom não há mal algum, nem quando vive, nem quando morre”<sup>15</sup>. Se for vítima da injustiça, ele o será apenas exteriormente: em seus bens materiais, em seu corpo, em suma, em coisas alheias. A invulnerabilidade com que Platão presenteia Sócrates é ainda mais forte do que a do escudo com que Hefesto presenteia Aquiles. E faz da potencial tragédia socrática uma quase-comédia, pelo menos em certas partes da sua narrativa<sup>16</sup>: mesmo tendo sido condenado à morte, Sócrates é capaz de zombar

---

da maneira que for) não devemos fazer, nem devem vocês, se o fazemos, ser lenientes, mas antes mostrar precisamente isto: que votariam muito mais contra o que produz esses dramas dignos de pena e faz da cidade motivo de chacota, do que contra o que se conduz sossegadamente”. Platão, *Apologia* de Sócrates, 35a1-c2.

14 Nussbaum, M. *A fragilidade da bondade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

15 Platão, *Apologia de Sócrates*, 41d1 ὅτι οὐκ ἔστιν ἀνδρὶ ἀγαθῷ κακὸν οὐδὲν οὔτε ζῶντι οὔτε τελευτήσαντι

16 Cf. SANTORO, F. Risos no Tribunal: as referências de Sócrates à comédia e a Aristófanes, na *Apologia*. In: Lessa, F. S. e Bustamante, R. C. *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 606-611. Nesse artigo, Santoro desenvolve o tema da comédia na *Apologia* e observa também, p. 609: “A condenação à morte, não é uma catástrofe, tampouco uma punição por um erro trágico cometido por Sócrates. Para Sócrates, não é possível fazer mal a um homem justo, visto que este

de seus juízes e de provocá-los, e isso precisamente para selar seu discurso – que defende que a injustiça é mais perigosa do que a morte – com a maior das coerências. Ao fim e ao cabo, ninguém foi capaz de levá-lo a agir mal e por isso Sócrates pode regozijar-se e até rir.

Por outro lado, ainda que minhas análises possam corroborar a leitura da *Apologia* como uma anti-tragédia, penso que ao mesmo tempo a sua abrangência pode ser restringida e as conclusões a que elas levam devem ser nuançadas, pois é certo também que outros elementos estilísticos e temáticos estão presentes na obra e podem ser igualmente elencados e enfatizados; eventualmente, inclusive, elementos próprios das tragédias<sup>17</sup>. A questão que o exemplo de Aquiles ilumina, a meu ver, é a recusa por parte de Sócrates de certa tonalidade trágica, bem como de parte do vocabulário trágico, nos momentos em que essa tonalidade e esse vocabulário nos levam a sobrevalorizar o perigo da morte ou a morte consumada.

Por isso, espelhando-se em uma imagem filtrada do Aquiles épico, Sócrates expõe um modelo de coerência entre agir e dizer que recusa representações da morte que a pintam como um mal definitivo, independente das nossas ações em vida e a ser evitado a todo custo<sup>18</sup>. Esse exemplo permite, portanto, toda

---

se basta a si mesmo e tudo o mais que aconteça por força exterior não é capaz de atingir sua integridade, fonte última de sua felicidade”.

17 A respeito dos elementos trágicos da *Apologia*, ver Bolzani, R. Platão Trágico e antitrágico. *Letras Clássicas*, n. 12, p. 151-168, 2008. O autor lê o episódio do oráculo de Delfos narrado na *Apologia*, em torno do qual gira a primeira parte do discurso socrático no texto platônico, como um evento que representa, p. 152: “a relação entre o filósofo e o deus, entre o humano e o divino”. Nesse sentido, Platão emularia a tragédia ao mostrar um Sócrates de início ímpio e desafiador, disposto a “refutar o oráculo” e, com ele, o deus (segundo as próprias palavras socráticas). Mas que, ao fim e ao cabo, confirma o oráculo por meio de seu exame de si e dos outros e se concilia com o deus. Coisa que, segundo Bolzani, acaba por formar um painel em certo sentido contrastante com a tendência das tragédias em geral. Ou seja, ainda segundo o autor, Platão serve-se da tragédia para criticar parte da concepção de mundo que a própria tragédia veicula. Platão acompanharia a visão trágica de mundo ao confirmar que o humano é infimo e impotente se comparado ao divino, porém a recusaria ao construir a imagem de um herói que não é punido por sua impiedade, pois sua atividade está em consonância com o que o deus lhe reservara. Conclui então o autor, p. 167: “No caso do nosso episódio de Delfos, parece que o filósofo se fez trágico, para, em seguida, poder ser, na mesma medida, antitrágico.”

18 Em *Fédon*, a personagem Cebeus dirá que os homens temem a morte “como crianças com medo de assombrações”. Platão, *Fédon*, 77e. Aliás, o começo do *Fédon* é um resumo muito potente dessa postura socrática de tranquilidade e não temor diante da morte: dentre muitas outras coisas, Fédon diz que Sócrates “era um homem feliz, Equécrates, tanto na maneira de comportar-se como na de conversar, tal era a tranquila nobreza que havia no seu fim. E isso, de tal modo que ele me dava a impressão, ele que devia encaminhar-se para as regiões do Hades, de para lá se dirigir auxiliado por um concurso divino, e de ir encontrar no além, uma vez chegado, uma felicidade tal como ninguém jamais conheceu! Por isso é que absolutamente nenhum sentimento de compaixão

uma reconfiguração filosófica das concepções de morte e de vida. Da mesma forma, ele propicia a construção de uma retórica que procurará corresponder da melhor maneira possível a tais concepções.

## Referências

- BOLZANI, R. Platão trágico e antitrágico. *Letras Clássicas*, n. 12, p. 151-168, 2008.
- HOMERO. *Iliada*. São Paulo: Ediouro, 1989.
- NUSSBAUM, M. *A fragilidade da bondade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.
- PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PLATÃO. *Górgias*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- RIBEIRO, A. M. As belas mortes de Sócrates e o encantamento da celebração dos mortos em Atenas. *Educação e Filosofia*, v. 24, n. 47, p. 34-54, jan./jun. 2010.
- SANTORO, F. Risos no Tribunal: as referências de Sócrates à comédia e a Aristóфанes, na *Apologia*. In: LESSA, F. S.; BUSTAMANTE, R. C. *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 606-611.
- VERNANT, J-P. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Revista Discurso*. São Paulo, n. 9, p. 31-62, 1979.
- WEST, T. G. *Plato's Apology of Socrates*. An interpretation, with a new translation. Ithaca / London: Cornell University Press, 1979.

---

havia em mim, como teria sido natural em quem era testemunha duma morte iminente.” Idem, 58e4-59a2. εὐδαίμων γάρ μοι ἀνὴρ ἐφαίνετο, ὃ Ἐχέκρατες, καὶ τοῦ τρόπου καὶ τῶν λόγων, ὡς ἀδεῶς καὶ γενναίως ἐτελεύτα, ὥστε μοι ἐκεῖνον παρίστασθαι μὴδ' εἰς Ἄιδου ἰόντα ἄνευ θείας μοίρας ἰέναι, ἀλλὰ καὶ ἐκεῖσε ἀφικόμενον εὖ πράξειν εἴπερ τις πόποτε καὶ ἄλλος, διὰ δὴ ταῦτα οὐδὲν πᾶν μοι ἔλεινόν εἰσῆι, ὡς εἰκὸς ἂν δόξειεν εἶναι παρόντι πένθει